

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido



**EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E SAÚDE MENTAL: pensando com mulheres num
hospital psiquiátrico**

MODALIDADE RELATO DE EXPERIÊNCIA

Tahiana Meneses Alves¹
Ádria Araújo Sales Barros²
João Guilherme dos Santos da Silva³
Laysa Maria Silva Gomes⁴

Resumo: O objetivo do estudo é analisar as contribuições da extensão universitária na troca de saberes entre atores do Serviço Social (assistentes sociais, estagiárias e extensionistas) e as mulheres que vivenciam o adoecimento mental. A metodologia é um relato de experiência sobre rodas de conversa com mulheres nas unidades de internação do hospital. O tema priorizado é “Opressões de Gênero”, abordado em várias rodas por meio da pergunta geradora “Do que estou cansada?”. A análise aponta para determinações sociais da saúde mental de mulheres, como: a sobrecarga de trabalho dentro e fora do lar; a violência sexual por parceiros, parentes próximos ou desconhecidos; as pressões sobre a estética corporal; as desigualdades no tratamento em saúde mental. Para as assistentes sociais, estagiárias e extensionistas, a troca de saberes com as mulheres fortalece a dimensão pedagógica do Serviço Social alinhada com o projeto ético-político profissional. Para as mulheres, a troca de saberes potencializa a identificação de situações de violência, o seu questionamento e a construção de estratégias para enfrentá-las.

Palavras-chave: Relato de Experiência; Extensão Universitária; Mulheres; Saúde Mental.

INTRODUÇÃO

O relato de experiência apresenta resultados do projeto de extensão “Serviço Social, Saúde Mental e sociedade: escuta, troca de saberes e educação permanente”, desenvolvido por uma equipe extensionista composta por uma docente e estudantes no Hospital de Saúde Mental

¹ Professora do Curso de Serviço Social, pela Universidade Estadual do Ceará, Campus do Itaperi. Pesquisa sobre relações de classe, raça e gênero na saúde mental. E-mail: tahiana.meneses@uece.br

² Graduanda do Curso de Serviço Social, pela Universidade Estadual do Ceará, Campus do Itaperi. Pesquisa sobre a atuação do Serviço Social na saúde mental. E-mail: adria.barros@aluno.uece.br

³ Graduando do Curso de Serviço Social, pela Universidade Estadual do Ceará, Campus do Itaperi. Pesquisa sobre a atuação do Serviço Social na saúde mental. E-mail: jguilherme.santos@aluno.uece.br

⁴ Graduanda do Curso de Serviço Social, pela Universidade Estadual do Ceará, Campus do Itaperi. Pesquisa sobre a atuação do Serviço Social na saúde mental. E-mail: laysa.gomes@aluno.uece.br

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Professor Frota Pinto, em Fortaleza, Ceará. Desde o ano de 2024, o projeto tem articulado a formação e o exercício profissional do Serviço Social com a política de saúde mental, visando o reconhecimento e o fortalecimento das determinações sociais da saúde mental entre os diversos atores envolvidos, sejam estes assistentes sociais, estagiárias, usuários/as, familiares de usuários/as e extensionistas.

Aqui, apresentamos um dos eixos do projeto, intitulado “Ouvindo vozes”, que consiste na realização de rodas de conversa com homens e mulheres internados/as em unidades do hospital. Os temas discutidos remetem à vida cotidiana como o amor, as amizades, as relações familiares, a maternidade, o trabalho, as masculinidades, as opressões de gênero, a discriminação racial, entre outros. Neste relato, o tema priorizado é “Opressões de Gênero”, abordado em várias rodas por meio da pergunta geradora “Do que estou cansada?”.

A extensão, o Serviço Social e as vivências de mulheres levantadas nas rodas de conversas são analisadas à luz do materialismo histórico-dialético de Karl Marx, método que interpreta a realidade a partir das condições concretas de existência dos seres humanos de “carne e osso”. Ou, como afirma Saviani (2025, p. 52), a “constatação do ser humano como um ser corporal que se produz materialmente ao produzir seus meios de existência” por meio do trabalho enquanto atividade teórico-prática vital.

A concepção de extensão defendida pelo Serviço Social é a de cunho “popular, comunicativa e orientada para os processos de uma educação emancipatória”, vinculadas às lutas e às resistências da classe trabalhadora (ABEPSS, 2023, p. 30). Isto se funda na concepção de Freire (1970), para quem a extensão não corresponde ao ato de “estender” técnicas e conhecimentos – neste caso, do agente universitário ao agente comunitário. Para o educador, a extensão não deve ser transmissão de conteúdo, messianismo, superioridade, persuasão, domesticação ou invasão por parte do agente universitário. Tampouco deve corresponder à inferioridade, mecanicismo ou passividade do agente comunitário, como se este fosse uma coisa ou um mero receptor de conteúdo. Extensão é educar e educar-se, é ser educador-educando, é ter na educação uma prática de liberdade. Extensão é, portanto, comunicação.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIIDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS



Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Dito isto, o objetivo do relato é analisar as contribuições da extensão universitária para a troca de saberes entre atores do Serviço Social (assistentes sociais, estagiárias e extensionistas) e as mulheres que vivenciam o adoecimento mental.

METODOLOGIA

O texto possui o formato de “relato de experiência”, que, segundo Mussi, Flores e Almeida (2021), consiste na apresentação de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária, seja este o ensino, a pesquisa ou a extensão. Visa a descrição da intervenção a partir de um embasamento científico e crítico.

A instituição em que realizamos o projeto de extensão é o Hospital de Saúde Mental Professor Frota Pinto (HSM), localizado em Fortaleza, Ceará. Fundado em 1963, o hospital é, atualmente, referência no atendimento em saúde mental no Ceará por meio do Sistema Único de Saúde. Conta com unidades de internação para homens e mulheres, unidade de desintoxicação, ambulatorios, hospitais-dia, emergência 24 horas, entre outros setores. O Serviço Social foi incorporado ao hospital no ano de 1976. Hoje, a profissão está alocada naqueles diversos setores.

Sobre o projeto de extensão “Serviço Social, Saúde Mental e Sociedade” em curso, o eixo “Ouvindo Vozes” visa a reflexão coletiva sobre as determinações sociais do sofrimento entre homens e mulheres. Quanto às profissionais (inclusive a docente), estagiárias e extensionistas de Serviço Social, o eixo contribui para o desenvolvimento da função pedagógica da profissão. Quanto aos homens e mulheres atendidos/as, o eixo contribui para a conscientização crítica sobre sua realidade numa direção social emancipatória. Abaixo, discorreremos sobre como as atividades têm sido executadas especificamente com as mulheres.

Entre os anos de 2024 e 2025, a equipe extensionista realizou dezenas de rodas de conversa, cada uma com duração aproximada de 60 minutos, com mulheres internadas em duas unidades femininas do hospital. Nelas, estão adultas jovens e idosas com diagnósticos de autismo, deficiência intelectual, transtornos devido ao uso de substâncias psicoativas, depressão, transtorno afetivo bipolar, transtorno de personalidade borderline, esquizofrenia,

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS



Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



transtornos orgânicos (como demência), psicose não orgânica, com riscos de suicídio e automutilação, entre outros. Além das internações voluntária e involuntária, há mulheres em situações de internação compulsória, de longa permanência (acima de 90 dias no hospital) e de “moradia” (acima de 365 dias). Convidamos as mulheres por intermédio da assistente social e de outro/a profissional (enfermeiro/a ou técnico/a de enfermagem) de plantão no momento, pois eles/as identificam aquelas que estão em condições de saúde para participar. A participação é voluntária.

O instrumento metodológico é a roda de conversa. Segundo Moura e Lima (2014), a roda permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões num processo mediado pela interação entre os pares que possuem histórias de vida diversas e maneiras próprias de pensar e sentir. Pode ser espaço de formação, de confraternização, de desabafo, de troca de experiências. É, ainda, um momento singular de partilha pois exige o exercício de fala e escuta. A colocação de cada participante se faz a partir da interação com o outro que complementa, concorda ou discorda do que foi dito. Por se fazer sob a presença de um outro, implica capacidades relacionais, emoções, respeito, saber ouvir/falar, aguardar a vez, enfrentar as diferenças. Neste sentido, a roda de conversa promove a dissonância coletiva, a construção e a reconstrução de vivências e argumentos (idem).

RESULTADO E DISCUSSÃO

Elegemos a roda intitulada “Do que estou cansada?”, que trata das opressões de gênero sobre as mulheres. A cada roda, preparamos o ambiente: colocamos as cadeiras em círculo num espaço com privacidade dentro da própria unidade de internação (geralmente alguma sala de acolhimento fornecida pela assistente social). Iniciamos a roda com uma explicação sobre os objetivos da atividade e com uma breve apresentação das pessoas presentes.

Introduzimos a temática por meio da dinâmica “Coração Machucado”, que consiste na distribuição de corações de cartolina para o grupo e a enunciação de frases que remetem às opressões de gênero. O combinado é que a cada vez que a mulher se identificar com a frase enunciada, deve fazer uma dobra no coração. Caso não se identifique, não deve dobrá-lo.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Algumas frases são: “Já me senti cansada com as tarefas de casa”, “Já senti medo de andar sozinha na rua”, “Já tive algum sonho interrompido”, “Já fui agredida pelo meu companheiro/a”, “Já sofri uma decepção amorosa”, “Já senti insegurança com meu corpo”, “Já me sobrecarreguei com a maternidade”, “Já fui tratada com menos importância ou respeito do que um homem em situação semelhante”, entre outras. No fim da dinâmica, a maioria das participantes – incluindo a equipe extensionista e as assistentes sociais/estagiárias que acompanham a roda, majoritariamente mulheres –, ficam com o coração machucado (dobrado). O estado do coração simboliza as marcas deixadas por essas opressões nas trajetórias de cada mulher.

Em uma das rodas, uma participante reparou que um extensionista, do sexo masculino, tinha o coração praticamente íntegro. Quando questionamos ao grupo o porquê, as vozes mencionaram quase em uníssono: “porque ele é homem”. Aquela observação foi importante para se perceber que, embora os homens também sofram com a ordem social de gênero vigente, há violências que atingem sobremaneira e particularmente as mulheres, contribuindo para o adoecimento mental e/ou para ideações ou tentativas de suicídio.

Após a dinâmica inicial, enunciamos o tema gerador a partir da seguinte pergunta: “Do que eu estou cansada?”. As respostas, mesmo que variadas, convergem para um tópico em comum: as opressões de gênero. No geral, as mulheres estão cansadas de trabalhar intensamente e ser exploradas, de ser violentadas pelos maridos ou desconhecidos, de decepções amorosas, de não terem sua doença compreendida, da saudade que sentem da família durante a internação, do abandono da família.

Durante as rodas, surgem relatos significativos que, na nossa análise, remetem às determinações sociais da saúde mental entre as mulheres. Primeiramente, identificamos a **sobrecarga e a jornada intermitente de trabalho**: uma mulher, mãe solo, diagnosticada com bipolaridade tipo 1, relatou ter vivido um surto durante a internação de seu filho, que possui hidrocefalia. Ela relacionou o episódio à sobrecarga de responsabilidades: cuidar do filho, prover o sustento da família e lidar sozinha com o abandono paterno, além de enfrentar o próprio transtorno mental. Outra mulher comentou que trabalhar demais a impede de ver o crescimento da filha. Outras comentaram que sempre trabalharam em jornadas exaustivas, como o regime

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



 8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



de 6x1 ou o trabalho informal, algumas desde muito jovens, em situação de trabalho infanto-juvenil, o que as impediu de se dedicar à família, ao autocuidado, à educação, ao lazer e ao descanso. Os relatos mostram como a sobrecarga da jornada de trabalho agrava o sofrimento entre as mulheres, algo já constatado por estudos. Um deles é o de Seligmann-Silva (2011), que trata das desvantagens de gênero sobre as mulheres na esfera do trabalho, gerando desgastes físicos e mentais devido ao trabalho feminino que a autora considera polivalente.

Identificamos **o controle dos corpos femininos por meio da violência sexual**. Uma mulher compartilhou sua experiência no relacionamento heterossexual, destacando como se via obrigada a ser submissa ao parceiro nas relações sexuais, devendo estar sempre disponível para satisfazê-lo, independentemente de sua própria vontade ou desejo. Algumas mulheres expressaram a percepção de que isso configura estupro. Segundo Saffioti (1987), para a ideologia dominante, um homem na posição de marido, companheiro ou namorado possui a função de caçador. Isto significa que o seu desejo é prioridade, sem considerar se a mulher é ou não sujeito desejante.

A violência sexual sofrida durante a infância, praticada por homens da própria família (padrastos e avós) ou por desconhecidos também foi relatada. Nessas situações, as vítimas foram culpabilizadas. Uma das mulheres foi culpada pela mãe por ter sido estuprada pelo padrasto e a outra foi questionada pelas amigas o porquê de estar tão cedo sozinha na rua quando foi atacada por um desconhecido (segundo ela, estava a caminho do trabalho). Outro relato marcante foi o de uma usuária que foi sequestrada, teve o cabelo cortado à força e foi sexualmente abusada. Após este acontecimento, desenvolveu um quadro de estresse pós-traumático e passou a sentir medo intenso de homens. Durante a roda, isso se evidenciou na dificuldade em olhar, falar ou se aproximar do extensionista do sexo masculino. Ela contou como o trauma afeta sua vida cotidiana, suas relações e sua sensação de segurança.

Tais relatos, somados, revelam não apenas a gravidade das violências vividas, mas também seus efeitos prolongados na saúde mental, nas relações sociais e na forma como cada mulher percebe a si mesma e ao mundo. Revelam de maneira contundente a naturalização da violência sexual no contexto das relações de gênero e como o patriarcado coloca as mulheres em posição de constante exposição, vulnerabilidade e culpa. Na relação sexual entre homem e

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



mulher, há uma dinâmica de poder, segundo Saffioti (1987): enquanto uma parte possui o álibi do desejo absoluto, a outra sequer possui o direito de não desejar. É comum se pensar que apenas quando o exercício do poder chega ao extremo (ou seja, quando o homem contraria a vontade da mulher e a submete sexualmente), configura-se o estupro. Mas para ultrapassar a aparente extravagância desse exemplo, Saffioti elenca dois dados alarmantes: 1) há milhares de mulheres/meninas sendo estupradas na sociedade brasileira, inclusive pelos pais; 2) há relações amorosas, estáveis, legais ou consensuais, no seio das quais o estupro é a regra (idem, p. 18).

Ainda sobre o controle dos corpos femininos, relatos apontam para as exigências quanto à **estética corporal**. Ser considerada magra ou gorda demais, feia ou velha, ou ser uma mulher negra e preterida pelo racismo possui desdobramentos sobre a saúde mental. Uma mulher comentou acerca das mudanças corporais durante a gravidez e das inseguranças vividas durante o puerpério. Outras comentaram sobre os efeitos dos medicamentos psicotrópicos sobre seus corpos. Outra falou sobre se sentir feia e que, por isso, jamais encontraria um amor. Sobre isso, Zanello (2018) criou a metáfora da “prateleira do amor” para demonstrar como as mulheres que fogem ao padrão estético ideal, como as velhas, negras e gordas, são desvalorizadas socialmente. Mais chance elas têm de ter a autoestima afetada e maior a probabilidade de ficarem “encalhadas” na prateleira. Isso pode ter rebatimentos mais profundos entre as mulheres negras, pois a cor da pele é imutável.

Importante destacar que as questões de gênero, como algo estruturante, são reproduzidas também no tratamento em saúde mental. Mulheres relataram a violência física perpetrada por funcionários homens durante a contenção em situações de agitação motora. Este fato revela como a violência contra pessoas com transtornos mentais ainda é justificada pela ideia de sua suposta periculosidade. Outra situação foi a de uma mulher que relatou participar das atividades oferecidas no hospital com o objetivo de causar uma boa impressão para os profissionais, de mostrar que está melhorando e pronta para a alta. Ela afirmou que costuma se emocionar ao lembrar do filho, mas, muitas vezes segura o choro diante de alguns profissionais com receio de que interpretem que ela não está evoluindo no tratamento, o que poderia retardar sua alta hospitalar. Ela enfatizou que o choro representa a saudade do filho, e não uma falta de progresso. Conforme Zanello (2014), embora a psiquiatria afirme a sua neutralidade, vários

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido



diagnósticos são fundamentados em sintomas (pensamentos, atitudes, emoções, comportamentos) atravessados pelo gênero. A ordem de gênero determina a maneira como se enfrenta e se nomeia as situações na leitura da doença, para homens ou mulheres. A leitura dos sintomas ou a análise das queixas, no interior da nossa sociedade, pode conduzir a certos diagnósticos. Assim, é possível compreender a estratégia de contenção das emoções por aquela mulher, já que o choro tende a ser um sintoma psiquiátrico atribuído mais às mulheres e os sintomas costumam falar mais alto que as histórias de vida.

Costumamos encerrar as rodas com alguma música sobre a temática. Uma delas é “Dona de Mim”, da artista brasileira Iza. Numa dessas ocasiões, uma mulher disparou a questão: “Como eu posso ser dona de mim se eu não tenho dinheiro, se eu não tenho emprego?”. Isto gerou uma reflexão sobre as diversas condições materiais que hierarquizam mulheres ricas e pobres, negras e brancas, jovens e idosas etc., que não podem ser reduzidas a um grupo homogêneo. Por outro lado, a mesma música tem sido associada à força, autonomia e resistência das mulheres. A maioria das participantes conhece e canta junto, se emociona e afirma gostar deste encerramento mais “alto astral”, pois saem da roda mais acolhidas e fortalecidas após uma conversa tão profunda e sensível. Muitas delas agradecem a atividade, solicitam nosso retorno e demonstram carinho por meio de abraços e apertos de mão. A usuária com medo de homens, mesmo com muita dificuldade, conseguiu apertar a mão do bolsista e pediu desculpas por não conseguir mais que aquilo, mas reforçamos que sua reação era compreensível e legítima. Esta situação estimula a pensar nas questões de classe, raça, gênero, sexualidade etc. presentes nas interações entre usuários/as e trabalhadores/as. Como elas têm sido abordadas nos equipamentos de saúde mental? Como elas interferem na construção (ou não) de vínculos? Elas podem potencializar ou prevenir violências institucionais?

CONCLUSÕES

As rodas de conversa com a pergunta geradora “Do que estou cansada?” são importantes para transformar experiências individuais em reflexão coletiva, permitindo que as mulheres

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido



percebam que as situações que vivenciam não são casos isolados, mas sim expressões de uma estrutura patriarcal-racista-classista.

As rodas também evidenciam que, apesar das mulheres enfrentarem inseguranças, julgamentos e pressões sociais, elas buscam maneiras de se afirmarem e se fortalecerem. No interior de um modelo de atenção que historicamente violou direitos humanos, a extensão também tem qualificado o exercício de assistentes sociais e a formação de estudantes numa perspectiva crítica, antimanicomial, feminista, antirracista e anticapitalista.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL (ABEPSS). **Diretrizes Gerais para o curso de Serviço Social:** com base no currículo mínimo aprovado em Assembleia Geral Extraordinária de 8 de novembro de 1996. Rio de Janeiro: ABEPSS, 1996.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

MOURA, A.; LIMA, M. G. reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Temas em Educação**, Piauí, v. 23, n. 1, p. 98–106, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338>. Acesso em 09 Mar. 2026.

MUSSI, R.; FLORES, F.; ALMEIDA, C. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60–77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 1 mar. 2026

SAFFIOTI, H. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

SAVIANI, D. **Educação, pedagogia histórico-crítica e BNCC.** São Paulo: Expressão Popular, 2025.

SELIGMANN-SILVA, S. **Trabalho e desgaste mental:** o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez, 2011.

ZANELLO, V. A saúde mental sob viés de gênero: uma releitura gendrada da epidemiologia, da semiologia e da interpretação e da diagnóstica. In: ZANELLO, V., ANDRADE, A. P.

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



(Orgs.), **Saúde mental e gênero: diálogos, práticas e interdisciplinaridade** (pp. 41-58).
Curitiba: Appris, 2014.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**.
Curitiba: Appris, 2018.